Memoris

MARA
ROMARO

L026 V0 A03– 12 março 2025 Status: Constructo *escrita incremental*
*** Todos os Direitos estão reservados ***

"Na mastiga das castanhas, empunhava uma folha prensada da exsicata recendendo naftalina, embrulhada com laminação plástica e folha de alumínio, uma folha de anotações de campo, da sua poda."

Mara – Março 2020

AGRADECIMENTOS

À minha memória, enquanto a tenho.

Aos amores que vivi.

Às minhas faces da infância.

Casas em que morei.

A paz que foi possível.

À família que unida era alegria.

Atibaia querida, com céu e ares puros inigualáveis.

À Myriam e Sylvio e queridos irmãs e irmãos.

De Mara Monteiro da Costa à Romaro

PRAEFATIO Δ Memoris

|17 AGOSTO 2022

Surge-me a intensa realidade de que necessito desse agora uma palavra solta em fios puxados das antigas malharias de aquecimento do inverno. Os pulôveres herdados dos meus irmãos e irmãs mais velhos entre suas sabedorias e suas graciosas maneiras de me doarem a utilidade necessária e totalmente organizada por mamãe. Surgem-me não como fantasmas, mas um tamborilar completamente vívido, com graça, com aroma, com cores enceradas, os lugares em que estive, e coisas que mesmo que mencionadas, merecem de fato, um dizer especial reunido aqui, de modo que meus filhos possam se ilustrar e se interessar sem que duvidem, ou que o relato possa ser perdido desapercebidamente.

Aqui olhei para as caixas em que acomodei os meus escritos, folhas furadas presas em arquivos, cadernos, notas de época e percebo que preciso mencionar coisas, coisas relevantes para que eu mesma saiba no futuro incerto da mente.

E também porque não me sinto mais capaz, ou à altura dos meus projetos. Não sei o que me ocorre, que tanto me cobro, nada acontece a não ser o mesmo, mesma repetição do tal ser que perambula na noite declamando, e só arranca incômodo daqueles que querem dormir.

Sem mais, nem mesmo um croqui, um esboço, um caminho, deixo-me vaga pela escuridão daquilo que sumiu nas gavetas trancadas do passado.

INTENTO

Relatos de memória fatuais, não analíticos.

Este livro está sendo escrito incremental, inacabado.

MARA ROMARO

SUMÁRIO

MEMORIS

Agradecimentos 3
Praefatĭo Δ Memoris 4
Intento 4
Sumário 5
Memoris 5
Lembrança 8
Anos 1960 -Vagos fragmentos baçanados ou memórias fotográficas 8
Tico-tico 8
Jardinagem 9
Coqueluche 9
Anos 70 Espelunca maluca 10
Travesseiros, berço, mamadeira e Caneca 10
Aniversário 1970, 71 Dona Joana e Gisele 11
Chalé de campo dos Girardelli 11
A Espelunca 11
Trenó de tapete 15
Dores nas pernas do medo 16
Porão 16
As três camas 16
Natal 16
Praça Miguel Vairo 16
Santa Casa 16
Os visitantes 16

Grand Tour Hotel..... 16
Anos 80 - Palácio dos ladrilhos..... 17
Mudança para Rua João Soares..... 17
Enchente do telhado..... 17
As telhas..... 17
Banco do jardim..... 17
Morte da berlinetinha..... 17
À procura da amizade..... 17
Atelier vazio..... 17
Joelho ralado..... 17
Anos 80..... 18
Casa da Juca Peçanha..... 18
Escola José Alvim..... 18
Coração de Jesus, Ateneu e Externato..... 18
Programa É proibido colar 1984..... 18
Vespa e Walkman..... 18
Águas da Prata com mamãe..... 18
Apartamento da rua Rio de Janeiro 22..... 18
Análise de Sistemas Campus Itatiba..... 20
1988..... 20
Camping da Pedra Grande Atibaia..... 20
Anos 90..... 20
Formatura..... 20
Prodesp Taboão..... 20
Falecimento do Deca e Aloísio..... 20
Meu milagre de ouro..... 20
Viagem a São Lourenço 1992..... 20
Anos 2000..... 21

Casa da rua Maria Cristina S. Bastos 21
Falecimento de Mamãe 21
Empuxo do mar de Ubatuba 21
Depressão 21
Sacrifício 21
Anos 2005 21
Compilação de livros artesanais 21
Gerência de Projetos 21
Material de desenhos 21
Ida de meus filhos para Europa 21
Anos 2010 21
Cirurgia 21
Falecimento de Papai 21
Viagem 21
Anos 2020 21
Reminiscências 21
Mar 21
Adendo 23
ão 23
Bibliografia 24
Editorial 24
Ilustrações 26
Ilustrações Capitulares 26
Ilustrações para Adendo 26

LEMBRANÇA

ANOS 1960 - VAGOS FRAGMENTOS BAÇANADOS OU MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS

Tico-tico

|20250312 15:29

Eu vestia um conjunto de lã tricotada, calça com elástico que acinturava junto ao barrado da blusa que perfazia um conjunto, já não sei exatamente se era vermelho goiaba, e se já estava farrapada no joelho, e já confundo o sapatinho branco. As árvores detinham raízes nas divisões aterradas do jardim do mercado, margeado pela rua Tomé Franco, frondeando o céu, cuja nossa casa era como uma trinca de livros na estante, três casas iguais pegadas à quitanda do Seu João, onde atualmente tudo demolido, dando lugar ao banco Bradesco, e lojas. Na tarde, a passarinhada revolvia pelos céus agitada e barulhenta. Mamãe me levava pela mão, carregando o velocípede erguido nas mãos. Deixava-me andar nas vielas retas que seguiam para o centro do jardim.

Rodas de centro brancas, borracha preta simulando pneus, encosto com um n em metal pintado. Penso ser azul celeste.

Lembro-me de pedalar no centro da roda mestre frontal. O paço era gigante, as revoadas inesgotáveis de pardais. O cimento não tinha ranhuras ou valas. Não consigo rever na memória o coreto.

Precede a morada na casa da Praça Miguel Vairo. Antes do ano 1970.

Jardinagem

|20250312

Plantinhas nas latas despidas dos rótulos de alguma farinha, talvez leite em pó, em cuja terra eu enfiava com os dedinhos os feijões brotados. O quintal tinha caquinhos de lajotas vermelhas, muretinha baixa de cimento para canteiro. Não me parece nem a varandinha da Espelunca, nem o quintal da mesma.

Eu calçava uma sandalinha que permitia o sorriso dos dedinhos dos pés se sujarem aos poeirentos ares do interior. Tanabi.

Lembro-me de chorar sem parar. Meus irmãos me carregaram de colo de um e outro. Acho que eram Marcos e Élsie.

Coqueluche

|20250312 | Idade estimada 4 anos

Tosse a lembrança que não cala. Maior do que a lembrança da dor de ouvidos que sobreveio aos meus seis anos (calculo). A tosse que tirava o fôlego e parecia que iria chegar a cuspir os calcanhares do avesso após ter posto toda alma para fora.

Lembro do sibilo do vento rasgando a garganta, uma tomada de fôlego sôfrega, sibilando as cordas vocais, fazendo algo invisível e imaterial coçar dentro do pulmão disparando outra tosse que somente iniciava e não tinha ponto final. Como tudo, nada tinha ponto final. A tosse cumprida me arrancava lágrimas sem choro, e consternação de mamãe.

E ela me botava de pé no banco frontal da Kombi, que era branca. Tomava assento ao volante, e eu agarrada em seu pescoço, que pela manhã, ou tardinha ela dirigia, tomava ruas de terra até o Eucaliptal.

Eu descia na margem das duas fileiras de Eucaliptos como entrada de um sítio, que posso descrever, era ao final da avenida Juca Peçanha, onde há

entrada do asilo das freiras. Já não há os mesmos Eucaliptos. Talvez reste algum. Quando participei em 2014 (suponho sem certeza) da corrida da fogueira, o trajeto que saiu da Praça do Museu, rodeou a Matriz, passou pela igreja do Rosário, seguiu para o colégio Florêncio, de educação infantil, que cursei a pré-escola, tomando a avenida perto do SAAE, antiga entrada do Clube São João (onde eu fazia ginástica), a avenida Juca Peçanha até as vias que chegariam ao bairro Itaperi creio eu, donde se vê a terraplanagem gigantesca abandonada.

Respirava e mamãe fazia eu pegar as folhas de Eucalipto para ela preparar inalação. Lembro de um cone de papel sobre um copo com água da fervura, eu ficar inalando de noite.

Lembro de estar na cama naquele quartinho, meus irmãos serem cobertos por mamãe, a luz ser apagada e eu chorar de medo.

Meu pai chegar para contar estorinhas, ficar sentado na beira da minha cama passando a mão nos pequenos cachos de cabelo que mamãe depois guardou num pequeno envelope, onde posso saber que eram de cabelinhos finos castanho claro.

ANOS 70
ESPELUNCA
MALUCA

Travesseiros, berço, mamadeira e Caneca

|20250312

Eu dormia num berço, que foi substituído por uma cama, bem abaixo da janela que dava para o quintalzinho da espelunca. Era azul. Eu lembro de ver o beliche onde dormiam Gil e Nego. os travesseiros rotos e manchados de baba, o dedo na boca. Lembro de meu irmão se

esconder para debaixo do berço, para de supetão aparecer e arrancar um riso escrachado partindo de minhas meias maçãs de bochechas.

Lembro de tomar mamadeira deitada, cujo bico era já todo rasgado e o leite havia espirrado para meu queixo. Então, minha irmã, se junta no quarto de mamãe (permitido apenas quando mamãe deixava) combinarem de comprar uma caneca na Feira Bandeirante, uma pequena venda de esquina de fronte à espelunca ao início da rua Benedito Almeida Bueno.

Elas me chamaram, lembro de parar na porta do quarto, Jane sentada na cama de minha com colcha de chenile, em azul marinho e beje. E desembrulhar do papel manilha, uma caneca branca, com um pequeno decalque, não sei de quê. E assim, deixar a mamadeira. Frustrantemente depois a caneca pegou cheiro de ovo, e impliquei com ela.

Aniversário 1970, 71 Dona Joana e Gisele

(a escrever)

Chalé de campo dos Girardelli

A Espelunca

|17 AGOSTO 2022

Não sei de quem foi a ideia de batizar a casa da rua Lourenço Franco de Espelunca Maluca. Costumo me recordar da voz do João, sendo na pequena mesinha da cozinha naqueles bancos de ferro pintados de azul calcinha. A toalha com os copos de refresco da tarde, o filão do pão cortado em fatias, a manteiga batida e formatada como uma cerâmica amarela numa terrina branca.

_ Tia! A manteiga está rançosa!

_ Deixa disso João!

_ Quanta frescura!

João pegava a manteiga e franzia os olhos de ar misto de deboche, asco, e ramela de sua cosmopolita vida.

_ Espelunca Maluca! – Rasgava uma gargalhada com as pontas espigadas do cabelo preto, que se somava às risadas do Marcos._ Você viu aquela velhinha debruçada no portão?

Riam-se.

_ Olha que Deus não gosta dessa caçoada. Vocês podem ficar mais ridículos do que essas pessoas! – Ralhava mamãe.

Não conseguia entender a graça, mas observava que logo eles passavam a confabular um plano. O de causar total estranheza na visita de nossa tia que era a doceira e madrinha do casório.

_ Vamos servir café com a xícaras sobre cada rostinho de criança daquele quadro. Quando ela pegar a xícara vai ver esses rostos sapecas, ou tristonho. – João e Marcos tiraram o quadro da parede e viravam de ponta cabeça, e pegavam xícaras de café e ensaiavam a sandice.

_ E o que mais podemos fazer?

_ Uma música para ela!

João e Marcos, Gil, sei lá mais quem, Deca talvez, correram da cozinha pela copa, tomaram o corredor passando pelas portas altas dos quartos, das meninas, das crianças, e de papai e mamãe.

Deram-se com os ares do sofá, piano, mesinha do telefone de disco preto, a lista da Telesp ao lado, poltronas como leoas de chácara da tal janela frontal da casa.

Era a praça. A visão da praça, com pessoas que passavam entre a Santa Casa e a rua de comércio, cuja esquina era um cotovelo de posto de gasolina.

João, sem ordem de Dona Myriam abria o estojo da dentição das notas do piano. Batia o dedo deslizando do agudo ao grave como uma escadaria que ri das bundas que rolam abaixo.

E começou a compor.

_ Maria José, zé, zé. Como é que é, é -é. Ora veja, veja, veja. Quanta bandeja, -deja, -deja. – Subia o tom em gritaria a meninada toda. _ Maria José Zé Zé!!!

_ Menino pare de martelar o piano! Toque uma música. – Mamãe, ria escondido na palma da mão, das troças que eles faziam. Não imaginou a cena que se sucederia.

A tia chegou na véspera, com caixas e caixas de seus docinhos e foi acomodada no anexo final da Espelunca, num quarto. Ela tinha grisalhos cabelos de formalidade.

Não tardou que todos fossem pegar roupas cênicas no porão, chapéus, lenços, sapatos altos de mamãe, echarpes coloridas, e pompons pretos que envolvidos em camisas, traziam as memórias do carnaval e seus grupos Pierrôs apaixonados, ou uma Colombina sem par. Todos enfatiotados de ironia, faziam vênias e vieram com bule, xícaras, açucareiro, sobre os rostinhos bem fogueteiros.

Dona Maria José pinçou um pires, tilintou e deu um bufo.

_ Ah! Quem é esse?

_ Silvia, aquela dali. – Sorria sorrateira mamãe.

E com estranheza crescente, logo isso foi se acabar na despedida, dias depois, com um recital de João, e no final, a música martelada na cantoria geral homenageando as bandejas dos doces muito doces, tão doces que de doces não podiam raspar mais do que a areia as gargantas.

A moçada era animada. Aquelas tantas janelas que davam para rua, exibiam uma novela peculiar na cidade. Entrava a Kombi no porão, cerrava-se a porta de correr, e os transeuntes recomeçavam sua caminhada. Era sempre correria, ou música, ou briga, ou teatro de quase tudo.

À frente da varanda, tinha coisa de cinco degraus de caquinho cimentado, com beira arredondada. Depois o chão era de cacos vermelhos. Uma charneca tinha uma planta de flores alamandas amarelas. Os transeuntes viviam estourando os botões e arrancando as flores através das grades que davam para a esquina.

A cozinha era dona de uma veneziana, uma pia de lado até o fogão cosmopolita e do outro lado uma geladeira Frigidaire azul. Um armário guarda-louça, com prateleiras forradas de algum papel e um guarda-panelas embaixo da pia.

Lembro que mamãe me ensinou fazer arroz, então, ficou fervendo até queimar como carvão enquanto eu fui brincar no quintal.

O banheiro tinha uma cortina circundando a banheira, um chuveiro Lorenzetti cuja torneira de metal dava medo de fechar e tomar um choque. Fora tinha um capacho de plástico com figuras de pavão e sua plumagem eriçada, entre folhas emolduradas.

Quando saía do banho, ficava enrolada na toalha, guardando os calores até tremer de frio, acocorada nesse capacho.

Tinha um armário preso na parede, com espelho e um pendurador de toalha, todo feito um mordomo sem braços. Eram muitas escovas de dente dependuradas nos suportes.

O piso era xadrez ou um tipo de mosaico estranho, gasto, que cobria o chão do banheiro, cozinha e corredor que dava ao anexo apartamento.

Lembro dos castigos e das broncas. Os menores se sentavam nos bancos de metal à mesa.

Papai chegava, beijava as testas, depois com severidade exigia que comêssemos. Era o momento crítico. O quiabo no prato.

_ Come!

E depois de tantos choramingos, engolíamos com náusea.

Eu me atrasava e dava um pulinho apoiada na mão, na quina do móvel, era como uma marca registrada, um oi esquisito calado, onde a turma toda estava esperando para gargalhada. Não precisava muito para me caçoarem.

Lembro de mamãe descascando quilos de batata. A minha irmã tropeçando de derramando a sopa do jantar sob todos os olhares famintos. Lembro de Dona Joana trazendo um bolo de aniversário confeitado em branco, para meus anos, quatro. Eu me lembro porque foi então que conheci a Gih.

Vou ter muitos degraus da escada, natais e mistérios do porão, e as macaquices, e nossas estripulias. Fica para outra hora.

Passei lá, o prédio que foi dois tons de verde, agora está pintado de marrom e ocre. Se chama Pousada Saionara.

Morri de rir. Minha amiga mestiça japonesa irá sorrir da mesma forma.

Trenó de tapete

|20250312 |RELATIVO A 1973 74

A casa era da esquina para a descida da rua Lourenço Franco, permeada de dois blocos que se uniam para entrada de fundos, onde havia varanda e lavanderia abaixo de uma torre de colunas de cimento com uma caixa d'água. Os aposentos do fundo, foram alugados lá pelos anos de 1975. Antes nossa casa terminava no corredor com porta sempre trancada, o banheiro, do lado da rua tinha a cozinha com um arco aberto e duas muretas de mármores dando para o assoalho da sala. As paredes tinham textura, leques, puxados da niveladora de pedreiro, pintura azul de óleo e um barrado abaixo. A sala de jantar tinha a grande mesa, o móvel de louça, uma cristaleira, um sofá de napa assentado sobre estofamento com molas (todos gostavam de pular nele sob histéricos protestos de mamãe). Isso dava ao corredor indo em direção para frente, no interior tinha o quartinho, do outro lado um quarto (das irmãs mais velhas, kkk, Élsie, Silvia, Jane), os irmãos dormiam no quarto do porão, exceto os pequeninos. Adiante o glamouroso quarto de mamãe, com armário de ébano, cômoda, penteadeira e seu espelho em forma de folha, criados mudos e cama. Por longo tempo a arca de enxoval.

Por muitos anos, após 1976 eu mesma encerava os assoalhos do corredor e sala, sala do piano, e passava a enceradeira sobre a cera Parquetina.

Meus pais por vezes iam ao baile. Então todo mundo pulava das cobertas da cama e ia brincar de cabra-cega, correr pela casa, brincadeira das portas, se corria para quartos e cerrava portas e o pegador tinha que adivinhar quem lá estava. Era algazarra para as reclamações dos vizinhos.

Então, subíamos na passadeira para alguém cavalgar trazendo o trenó de fitilhos coloridos das gargalhadas e capotagens nas quinas da sala.

Dores nas pernas do medo

Porão

As três camas

Natal

Praça Miguel Vairo

Um mantô Roxo

Santa Casa

Os visitantes

Viagem de trem a Ribeirão Preto – despedida de Tanabi

Grand Tour Hotel

ANOS 80 - PALÁCIO DOS LADRILHOS

Mudança para Rua João Soares

Enchente do telhado

As telhas

Banco do jardim

Morte da berlinetinha

À procura da amizade

Atelier vazio

Joelho ralado

Casa da Juca Peçanha

|Rua João Soares do Amaral 633

Escola José Alvim
Coração de Jesus, Ateneu e Externato
Programa TV Cultura - É proibido colar - 1984

|Com Antonio Fagundes e Clarice Abujamra. Participante pelo colégio Ateneu Campinas em redação. Professora Renata. Disputado no colégio com colega Milton, fui selecionada e fui. Minha redação boa, mas minha leitura não. Valeu abraço do Antonio Fagundes e da confiança da professora de literatura.

Vespa e Walkman
Águas da Prata com mamãe
Apartamento da rua Rio de Janeiro 22.

|20250312 | 1987

Após noivado 14 julho 1986, o apartamento de um conjunto de predinhos de apenas dois andares foi alugado por meu esposo em 1987 no ano em que iríamos casar. Tinha dois quartos, e uma sacada bem aprazível, dava para coqueiros pequenos que atualmente são imensos.

A cozinha era pequenina e dava para um corredor onde era lavanderia. Tinha um banheiro.

Lá nasceram Giovanna, Lincoln e Suzana. Morei até 1994, então fomos rumo a vila Fioritta.

Na entrada da cozinha ficava sempre o cadeirão de bebê. Geladeira, pia e fogão.

A mesa ficava abaixo de armários de parede. Na sala ficava uma estante com TV e aparelho 3 em 1, onde ouvíamos discos de vinil, e a Giovanna se divertia dançando, desde que me lembro, desde que ela podia ficar em pé. Eu espalhava o edredon do bebê sobre o tapete, deitava ao lado do Lincoln e da Giovanna.

Eles brincavam com brinquedos lego, casinha de bloco de madeira, carrinhos, jogos, pois desde cedo ensinei xadrez, banco imobiliário, dama, e, no meu quarto tinha cama, TV, videocassete, uma porta-balcão que dava para a vista da serra ao longe, de lá se via o morro do Saci.

Quando Giovanna era bebê, levava ela passear pela rua, era um bairro pacato, no carrinho. Era algo que ela amava. Carregava ela também naquela bolsa que prendia ao meu peito, como uma mochilinha, e ia ao mercadinho, andar pelas ruas próximas. E levava na cadeirinha da bicicleta Caloi Ceci vermelha.

As festinhas de aniversário eram doideira. Vinham primos que não se podia caber. Docinhos rolavam escada. Refrigerante foram acaichoeirados na escada para meu susto, dos primos do meu marido, e algazarra inesquecíveis. Brigadeiros, docinhos, bolo de chocolate, gelatinas, pasteiszinhos e coxinhas.

Os jantares mais incríveis foram para o meu irmão Ricardo, quando mudei, fiz pizza de escarola; noutra ocasião frango recheado de ameixa com molho rosé. Foi sensacional. Também pizza de aniversário que veio Mamãe e Priscila. Elas me deram de presente um porta chaves de azulejo e um descanso do galo português que tenho até hoje.

Montava uma banheira de armar no quarto do bebê, tinha o berço, a cama de ferro da Gih, e lá dava os banhos de quando o Lincoln era recém-nascido. Gih ficou enciumada, enquanto ele mamava, ela fazia muitas traquinagens olhando de esgueio me desafiando.

Moramos de 1987 a 1994. Era muito feliz lá.

Vinham em casa Silvia, Gil e Paula, Nego e Dauê, Cláudio, Paulo, Ricardo... Mamãe e Papai. O Papai Noel Paulinho, Fernanda, em ótimas recordações.

Os incríveis vestidos confeccionados pela dona Jeanette, incluindo o azul de seda, com bolinhas brancas. Tinha um amarelo claro, com barra de bordado. Era lindo. Tinha um xadrez que foi da Suzana. Me enche de lágrimas os olhos lembrar nós, minha filha, minha sobrinha Karin, após passeio à Pedra Grande, parar na ducha escondida na mata, tomar uma tora de água gelada, e dançar Wild Wild Life no disco do Talking Heads, pulando sem parar. Braços estendidos! Esfuziantes! Todas as danças malucas eram totalmente permitidas.

Certa vez, me voltei para dar as mãos para Giovanna, caí em desequilíbrio na escada e ela também, eu bati a coluna, rolei, e ela por milagre caiu sobre mim.

Análise de Sistemas Campus Itatiba 1988

Camping da Pedra Grande Atibaia

ANOS 90

Formatura

Prodesp Taboão

Falecimento do Deca e Aloísio

Meu milagre de ouro

Viagem a São Lourenço 1992

ANOS 2000

Casa da rua Maria Cristina S. Bastos

Falecimento de Mamãe

Empuxo do mar de Ubatuba

Depressão

Sacrifício

Mestrado

Quase uma carta por dia

ANOS 2005

Compilação de livros artesanais

Gerência de Projetos

Material de desenhos

Ida de meus filhos para Europa

ANOS 2010

Cirurgia

Falecimento de Papai

Viagem

ANOS 2020

REMINISCÊNCIAS

Mar

Encontro o mar para ele guardar
meus segredos, antigos desejos
de velejar
Deixo no mar meus agouros,
antigas canções que não sei mais.
Mar me diz tantas coisas,
mas mal balbucia o seu ruidar.
É uma alma em purgatório,
está ali a todo mundo, e vive só.
A voz do mar canta a solidão,
uma estranha paixão de ir
sem conseguir deixar.
Todos se perdem, aqueles que
buscam, aqueles que partem,
emaranhados no encontrar.
Águas espalmadas em minhas
costas, quebram ondas purpurinadas,
pupilas esverdeadas a me olhar.
Brisa assoprada com meus
segredos, e a enigmática
condensação de seu pensar.
Pensamentos perdidos na areia
revolta, de quem nunca pode ir
a nenhum lugar.

Nos entendemos, perdemos os beijos,

do eterno amor de infância.

Bem Lembrado

MARA ROMARO ©

ADENDO
POSFÁCIO

MEMORIS MARA ROMARO

BIBLIOGRAFIA

0 . Pesquisa relativa à visceralidade | Sistema imunológico | wiki

1. Dicionário de Latim essencial | Autores: Antônio Martinez de Rezende e Sandra Braga Bianchet | Editora Crisálida.
2. Estudo | Design dos anos sessenta e setenta.

Editorial

Livro factual de memórias, incremental.

L026 Versão V0 A03

anterior: A02 30/8/24

Status: Constructo

Etapas: nihil, osseus básico do livro todo, gemma, momentum, ruditatis (correção linear pausada)

Escrita:
Revisão: Revisão Linear até inclusive: não iniciada
Revisora: A autora.

Playlist spotify: MCRomaro Memoris

Fontes: Normal humanist 521 LT tam 10, espaçamento 1 ant 1,085 depois, normalizado margem. Título: Matisse itc, Titulo1: Embargo, Título2 : Embargo, título 3: Embargo, Título 4: lochen, rodapé: , nome autora: Amphion, ênfase: Lochen, adendun:, Capitular: Preston script, Referen: newsgoth lt B, adendum nota: Arcanewide 10. Assinatura: Embargo.

Fontes Anteriores: Draconian Título, 1979 e humanist 521 LT tam10. lt , lanotipes e NewsGoth Lt Bt para referências. Nome autora capa: Amphion

Revisora: A autora. – Contém erros porque eu sou assim.

Playlist elaborada especialmente para o livro: MCRomaro Arcanum Inspiração – Spotify.

ILUSTRAÇÕES

Ilustrações de ©Mara Romaro 2022

Todos os direitos são reservados

[Illustratio 2] Onça inacabada [capa preliminar inacabada]

L015 Onça nadando Mhan1 A. [P IMG_]

Aquarela em papel hannenuhle.

ILUSTRAÇÕES CAPITULARES

[Illustratio 1] Arcanum Itinerário

20210906 L015 Arcanum Osseus MA4 A. [P IMG_7483]. – Preliminar 1

Aquarela W&N em Canson Aquarelle e caneta nanquim com esquema capitular e locais.

[Illustratio 3] xxx

20191009 L0xx xxxxxx MA4 A. [P IMG_xxxx]

xxxx

ILUSTRAÇÕES PARA ADENDO

[Illustratio 2] Arcanum Itinerário

20210906 L015 Arcanum Osseus MA4 A. [P IMG_7483]. – Preliminar 1

Aquarela W&N em Canson Aquarelle e caneta nanquim com esquema capitular e locais.

[Illustratio 3] Arcanum DNA personagens Mapa Mental

20210908 L015 Diagrama personagens MA4 [P IMG_7494]

©MARA ROMARO

Todos os direitos são reservados

Em razão de motivos pessoais, permito publicação inconclusa.

Escrito de 17 agosto 2022 a – (data final escrita)

Status: nihil

V0 A03 – 30 mar 2025